

## CLEMENTE DE ALEXANDRIA E A EDUCAÇÃO: DA PAIDÉIA GREGA À PAIDÉIA CRISTÃ

Charles Lamartine de Sousa Freitas<sup>65</sup>

Anderson Monteiro Araújo<sup>66</sup>

Francisco Gabriel da Silva<sup>67</sup>

### RESUMO

Neste artigo, apresentaremos o significado educacional proposto por Clemente de Alexandria. Este nasce no seio de uma família pagã, na cidade de Atenas, por volta do ano 150 da era cristã. Dotado de uma profunda intelectualidade e por suas inquietações na busca da verdade, tornou-se um expoente da tradicional escola de Alexandria, sendo considerado também um dos grandes mestres do pensamento cristão. O presente trabalho busca entender as implicações filosóficas-teológicas de Clemente de Alexandria baseadas na harmonização da Paidéia grega com a Paidéia cristã. O percurso metodológico consiste numa revisão bibliográfica em autores como Bortolini e Nunes (2018), Gross (2006), Jaeger (2014) e Nunes (2018) que subsidiaram a construção desta temática. Uma vez que se entendia a Paidéia como ideal de educação grega, esse pensador ameniza o choque que existia entre a Paidéia clássica e o pensamento cristão, mostrando que o conhecimento filosófico é próprio da natureza intelectual do homem e este, sendo criação divina, é também uma dádiva de Deus dada ao homem. Partindo dessa perspectiva, encontra-se na obra *O Pedagogo*, da autoria de Clemente de Alexandria, sua grande contribuição para o aspecto pedagógico, revelando o aspecto educacional presente na religião cristã. Para ele, o pedagogo é o Logos, o Filho de Deus que apresenta um programa educacional de modo profundo sobre as verdades da fé, sendo assim, dando-lhe pleno cumprimento da sua missão pedagógica. Ante às considerações traçadas, entendemos que ambas as paideias estão em concordância, em busca de um progresso educacional que tem gerado até hoje a necessidade de uma educação humanizadora que permita aos sujeitos sua dignidade e emancipação não tão somente política e de caráter moral, mas também divino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clemente de Alexandria. Educação. Paidéia.

<sup>65</sup> Graduado em Pedagogia, Teologia e em Serviço Social. Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana - Roma/Itália. Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na área de Filosofia e História da Educação. É Professor e Diretor Geral da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). Tem desenvolvido atividades acadêmicas nas áreas de Teologia, Filosofia e Educação, atuando nos seguintes temas: Teologia Patrística e Sistemática, Filosofia Medieval e da Educação, História da Educação, Metodologia da História Oral e Pesquisa (Auto) Biográfica. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas, Educação, Memória, (Auto) Biografia e Inclusão (GEPEMABI) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Paidéia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Membro efetivo da Academia de Ciências Jurídicas e Sociais de Mossoró (ACJUS). E-mail: charles.lamartine@gmail.com.

<sup>66</sup> Graduando do curso de Teologia (FCRN), Graduado em Geografia (UERN). E-mail: andersongeografia2@gmail.com.

<sup>67</sup> Graduando do curso de Teologia (FCRN), Graduado em Geografia (UERN), Especialista em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido (IFRN). E-mail: gabriel\_sylvie@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar a educação no início das civilizações, remete-nos a reflexões a respeito do ideal formativo do homem, bem como das interações que forjaram esse ideal que nem sempre foi o mesmo. Nesse interim, vale destacar a civilização grega como berço norteador dos princípios educacionais, numa dimensão política, moral e estética. Posteriormente as nuances da vida cristã se entrelaçam a esse modelo constitutivo do homem, agregando elementos que ampliam a ideia de dignidade humana.

Fruto dessa mudança paradigmática, surge Tito Flávio Clemente, nascido no seio de uma família pagã, na cidade de Atenas, por volta do ano 150 da era cristã. Dotado de uma profunda intelectualidade e por suas inquietações na busca da verdade, foi considerado um dos grandes mestres do pensamento cristão. Converteu-se ao cristianismo a partir dos encontros com Panteno, de quem se tornou discípulo. Em virtude das perseguições aos cristãos nos anos 202/203, abandonou Alexandria, tendo que se refugiar na Capadócia, morrendo antes de 215.

Objetiva-se, nesta pesquisa, entender as implicações filosóficas-teológicas de Clemente de Alexandria na busca de harmonização da Paidéia grega com a Paidéia cristã. O percurso metodológico consiste numa revisão bibliográfica em autores como Bortolini e Nunes (2018), Gross (2006), Jaeger (2014) e Nunes (2018) que subsidiaram a construção da temática em tela.

O trabalho está estruturado em duas sessões, sendo a primeira intitulada da Paideia Grega à Paideia Cristã, nela aborda-se o contexto educacional da sociedade grega, denominada Paidéia e a sua influência na formação de um novo contexto educacional entendido como Paidéia cristã. A segunda sessão denomina-se Concepções Pedagógicas de Clemente de Alexandria, essa, por sua vez, busca apresentar um olhar educacional do mestre alexandrino a partir da publicação da sua obra “Pedagogo”.

## 2 DA PAIDÉIA GREGA À PAIDÉIA CRISTÃ

No contexto histórico educacional da sociedade grega, se tinha por finalidade maior a formação elevada do homem, que deveria se concretizar por meio da Paidéia. A cultura grega, presente nas atividades racionais nas diferentes sociedades, nos séculos que a sucederam e nas

civilizações posteriores, deixa a herança de um legado cultural grego, e atribui à educação um sentido moral e prático.

Percebemos a cultura europeia ocidental em sua influência direta e indireta no mundo, na sua estrutura que se mostra fruto da iniciação de culturas que exercem força significativa de pensamentos, entre essas culturas aquelas com raízes em postulados gregos, assim como a literatura e a lei romana, a própria religião com princípios cristãos, impuseram no limiar do tempo um modelo de educação grega, que diga-se de passagem, mostra-se revolucionária.

O termo Paidéia, sugere-nos o ideal formativo do homem, descoberto pelos gregos. Desse modo, para os gregos, o homem completo seria aquele que fosse bem desenvolvido físico e espiritualmente, ampliando plenamente suas potencialidades físicas, intelectuais e morais (NUNES, 2018).

Freitas (2018, p. 292), afirma que “por paideia entende-se, a formação integral da criança, do paidós, daquele que se pretende que assuma uma forma, ideia adequada às disposições necessárias à vida na pólis”. Logo, paideia seria a formação do homem, que se inicia quando criança, uma vez que a formação começa na fase infantil.

A Paidéia grega claramente tinha como finalidade a formação integral do homem para a vida em sociedade. A esse respeito, Bortolini e Nunes (2018, p. 25), com base nos pensamentos de Aristóteles, afirmam:

a Paidéia, é a educação plena e integral do homem, é o processo de desenvolvimento subjetivo e social de cada pessoa, a partir de sua natureza ética e de sua identidade política. E, por vezes, ele igualmente aponta a dimensão estética, isto é, o sentido e desejo de conquistar o máximo do bem e do belo da vida, o que ele chamou de sumo bom (o máximo da bondade, o ideal ético de bondade, de ser bom) identificando-se com o sumo bem (o máximo da perfeição formal, o ideal de ser plenamente realizado) e ambos se revelando no sumo belo (o máximo da beleza estética, da realização perfeita do ser de cada coisa ou pessoa). Ser ético, ser político e ser estético seria isso: ser uma pessoa humana plena! Somente pela educação desenvolvemos nossa natureza humana, ética, estética e política. Educar, portanto, é proceder o desenvolvimento humano, humanizar, criar e formar para a cidadania, a politeia, a educação para viver bem na polis.

Durante os primeiros séculos cristãos, na continuação da história grega, ocorre a harmonização da Paidéia grega para o que hoje entendemos por Paidéia cristã, isso é fruto de elementos gregos que se transportam para a fé cristã. O ideal de educação grega perpassa por

um novo modelo de pensamento, fruto da era cristã que assume no desenrolar do tempo elementos universais, no que tange à sua abertura para todos os homens, bem como na participação individual do ser cristão, chamado a viver uma ética e política social que gera novos princípios de coletividade.

O cristianismo sente a necessidade de estabelecer nexos entre a fé cristã, conhecimento e educação, dentro de um contexto de crer e apreender, assim como na integração da fé com o ensino (GROOS, 2006). Entendendo isso, percebemos que o cristianismo:

Contraopondo-se à Paidéia anterior, determinista, seletiva e elitista, surge agora a Paidéia cristã – Paidéia Christi, a todos aqueles que a ela estivessem dispostos a aderir. Na história das ideias pedagógicas, este é o momento decisivo, pois indica uma virada de perspectiva educacional. (GROOS, 2006, p. 143).

Na perspectiva do autor supracitado, para o cristianismo não havia mais patrísticos, nem bárbaros, escravos ou libertos. Nem judeus ou gentios, já que o convite “Vinde a Mim” era totalmente inclusivo.

Assim, os princípios cristãos incidem diretamente na compreensão acerca da educação. Atestando isso, Groos (2006, p. 149) comenta o pensamento de Clemente de Alexandria: “nenhuma educação será completa se, ao lado do empenho em cultivar as potências naturais pelo estudo, não se tratar de suscitar e de desenvolver a gnose, o conhecimento das verdades da fé, e a caridade, que é a vida da graça e do amor divino”. Desse modo, Jesus se apresenta na nova visão educacional como um ideal humano que deve ser seguido e imitado, e o cristianismo torna-se a própria consumação da Paidéia.

Jaeger (2014, p. 79), corroborando com o pensamento apresentado anteriormente, descreve que a “verdadeira Paidéia é a própria religião cristã, mas em sua forma teológica, como concebida no próprio sistema de gnose cristã de clemente, pois é óbvio que a interpretação do cristianismo como gnose em si mesmo implica que ele é a divina Paidéia”. Pensar a divina Paidéia, seria imaginar que o homem transpõe corpo e razão, sendo um ser superior, dotado de uma realidade eterna que inspira uma dignidade educacional contrária a uma perspectiva terrena. Entendendo isso, Freitas (2018) propõe:

A paideia cristã se coloca em outra lógica avessa à educação como o apanágio para o trabalho imediatamente. A paideia cristã parte da ideia de que pela educação nós formamos o homem, pela educação nós constituímos em plenitude a condição humana. A educação na paideia cristã é, então, uma prática social de hominização, de formação do homem para viver na sociedade terrena e celestial. Essa nova paideia consiste, pois, em ampliar a dignidade do homem para o que é atemporal e não espacial, daí a ideia de uma cidade terrena e uma outra divina, na qual o cristão, esse novo homem, participa em coparticipação. (FREITAS, 2018, p. 304)

A relação que o homem estabelece com Deus, a maneira que este encontra-se com sua fé, põe nele questionamentos, busca de conhecimentos e de significados da vida. Isso exerce nele uma articulação pedagógica, na busca de uma vida plena e abundante, transpondo as necessidades físicas e racionais e indo de encontro a uma missão pedagógica transcendente. A identidade greco-cristã na percepção humana atribui um valor superior ao homem, sendo ele um ser participante da vida divina, estabelece-se uma nova condição de educação.

### 3 CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA

O ideal de educação para o homem grego está intrinsecamente ligado ao que denomina-se *Paideia* cristã. Superando todos os interstícios postos entre esses dois modelos, encontra-se na figura de Clemente de Alexandria uma tentativa de junção dos ideais gregos e cristãos. Diante disso, Nunes (2018) afirma:

Ora, foi exatamente o alto feito educacional de Clemente de Alexandria, nas pegadas do mártir São Justino, ter concorrido para harmonizar a paideia grega com o espírito cristão, a filosofia pagã com o Evangelho, procurando demonstrar que a filosofia não é “pagã” por natureza, mas uma decorrência da natureza intelectual do ser humano e, por conseguinte, uma dádiva de Deus ao homem, como as artes e as ciências, dons subjetivos, mas dons como os bens externos representados pela variedade e pela beleza das criaturas, como o mar, as montanhas, as flores e as estrelas. (NUNES, 2018, p. 87)

Nesse sentido, o alexandrino reconhece a filosofia como um meio para tornar o homem virtuoso, pois se o bem procede de Deus, e ser virtuoso é um bem, portanto seria também a filosofia um dom de Deus (CAMPOS, 2021). Tal afirmação evidencia-se em meio a tantas repreensões e lutas contra o fazer filosófico, e somente homens com maus hábitos não debruçariam na filosofia.

Essas percepções serviram de base para que Clemente de Alexandria, em meio aos ideais de São Justino, sustentasse o pensamento do Logos enquanto um verbo que se fez homem, segundo o qual toda obra que existe e todo saber é fruto do Logos, “convicção eminentemente cristã e racional” (NUNES, 2018, p.88). Além disso, amplia suas reflexões com um valor altamente educacional ao tratar sobre a construção cultural como ação iluminadora do Logos, atribuída ao homem devido a sua racionalidade e a sua espiritualidade, concatenado à manifestação de Deus que revelou verdades ao longo da história às quais o homem, por sua limitação, não seria capaz de alcançar sozinho. Sendo assim, Nunes reforça o pensamento de Clemente mostrando que, entre a filosofia e a religião, não deve haver contradição:

[...], segundo Clemente de Alexandria, não pode haver discrepância entre a autêntica filosofia e a revelação cristã e, por essa razão, nenhuma educação será completa se, ao lado do empenho em cultivar as potências naturais pelo estudo, não se tratar de suscitar e de desenvolver a *gnose*, o conhecimento das verdades da fé, e a caridade, que é a vida da graça e do amor divino, quanto é dado ao homem fruir neste mundo. (NUNES, 2018, p. 89)

Assim, faz-se necessário refletir sobre o ápice da concepção pedagógica que podemos tirar do pensamento de Clemente, tal fator está intrinsecamente ligado à publicação da sua obra “O Pedagogo”. Embora a obra apresentasse um teor religioso, é possível inferir compreensões educacionais bastante significativas para a vida cristã ainda nos dias de hoje.

Clemente, ao escrever este tratado, atribui um significado diferente ao “pedagogo”<sup>68</sup> superando uma visão deturpada que se tinha até então da sua real função. Inspirado pelos ideais da escola de Alexandria, da qual o mesmo fazia parte, de forma alegórica transpõe semanticamente o termo ao Logos, por isso define que “nosso pedagogo é Deus feito homem, mas, acima de tudo, um homem sem fraquezas. Ele é totalmente submetido à vontade do Pai; é o verbo feito carne, o Deus que está sentado à direita de Deus Pai e com ele é um só Deus”. (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2014, p. 23). Com isso, o alexandrino reconhece o projeto amoroso de Deus para com os homens, cabendo assim uma adesão total aos seus ensinamentos para que vivam segundo aquilo que o próprio Verbo revelou.

<sup>68</sup> O termo pedagogo provém da palavra grega *Paidagogos*. *Paidós* (criança) + *agogos* (condutor), literalmente significando condução da criança. “Poderíamos destacar que esta profissão era exercida, naquela época, com um intuito moral e ético e com o dever de levar à criança (o homem) a educação moral e dos bons costumes para ser um ser humano exemplar” (DAMASCENO, 2020, p.43).

Como é a mais bela e a mais nobre criatura, embelezou sua alma infundindo toda sorte de virtudes, prudência, sabedoria e temperança. Estendeu os traços de beleza sobre o seu corpo, dando justa proporção a todos os seus membros, e para aperfeiçoar sua obra, deu ao homem a inclinação para o bem, pois tudo o que se observa de bom e virtuoso nas ações humanas é tão somente o efeito da graça de Deus. (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2014, p. 26)

As palavras acima nos ajudam a perceber o olhar pedagógico de Clemente em relação ao Verbo divino. Ao se encarnar, Jesus torna-se humano para, entre outras coisas, ensinar a prática da virtude e conduzir a humanidade ao bem. “O próprio Jesus Cristo se torna, pois, Pedagogo, isto é, “educador” daqueles que, em virtude do batismo já se tornaram filhos de Deus. E o mesmo Jesus Cristo, finalmente é também Didáscalo, ou seja, Mestre que propõe os ensinamentos mais profundos” (BENTO XVI, 2012, p. 32). Dessa forma, Nunes tecendo uma reflexão sobre o programa de Clemente evidencia tal afirmação:

O Logos é primeiramente *Protéptico*, isto é, exorta o homem à conversão e ao Batismo salvador. Depois, ele trata de persuadir o homem a renunciar ao pecado e aos vícios, mostrando-lhe a beleza e a retidão da virtude à luz de exemplos convincentes, como zeloso educador ou pedagogo. Por último, o Logos assume a função de *Didáscalos*, Mestre, ensinando de modo profundo as verdades da fé. (NUNES, 2018, p. 97)

Encontramos no projeto do Logos Divino premissas de uma educação humanizada retratada por Clemente como fator preponderante para o modelo de um homem autenticamente cristão numa perspectiva ética, moral e social. “O Logos Cristão, a própria razão, é o Verbo de Deus que se encarnou, o próprio Jesus Cristo que se fez homem e veio ensinar a todos, o pedagogo por excelência, o educador e redentor das almas” (DAMASCENO, 2020, p. 43). Sendo assim, o Logos, enquanto pedagogo, é aquele que guia todas coisas, que conduz perfeitamente o homem à sua própria felicidade, por isso veio cumprir no mundo plenamente sua missão pedagógica.

Nesse sentido, o conteúdo apresentado na obra o Pedagogo do mestre de Alexandria, “mostra Cristo em um novo papel, aponta, é claro, para a relação do cristianismo com a cultura grega, visto que para o mundo de fala grega a paideia era um ideal de existência humana que todo homem e mulher haviam sempre aspirado” (JAEGGER, 2014, p. 76-77).

Enveredados por essa discussão, é perceptível que o princípio educacional do Pedagogo é o amor. Reconhecemos essa premissa nas palavras de Clemente de Alexandria (2014, p. 27) quando enfatiza a criação do homem por Deus, naquilo que é amável, próprio da natureza humana, mas também porque provém da vontade de Deus, tendo Deus amado nos homens aquilo que é bom e no ato criador, capacitando-os com todas as virtudes que lhes são próprias. Nesse itinerário, o Logos leva a um caminho de salvação tanto homens e mulheres. A visão clementina considera que não deve haver divisão, pois os seres são iguais, possuem as mesmas capacidades espirituais e corporais, embora “neste mundo existem distinções acidentais entre homens e mulheres, mas todos têm o mesmo destino eterno, são igualmente filhos de Deus e na outra vida não haverá mais entre eles distinção alguma” (NUNES, 2018, p. 99).

Partindo dessa perspectiva, o papa emérito Bento XVI, inspirado no pensamento de Clemente de Alexandria, afirma que, uma vez criados para ser imagem e semelhança de Deus, cabe ao homem traçar um caminho de vida que o leve à perfeição de tornar-se semelhante a ele. “Assim, no caminho da perfeição Clemente atribui à exigência moral a mesma importância que atribui ao requisito intelectual. Os dois caminham juntos, porque não se pode conhecer sem viver, e não se pode viver sem conhecer” (BENTO XVI, 2018, p. 33). Isso exige do homem e da mulher abertura para a conversão, no intuito de deixar-se conduzir não só pela racionalidade, mas por uma educação na fé, o Logos divino os dirija na busca da verdade, sendo assim, viver por meio da fé e da razão unido a Jesus Cristo os caminhos a serem empreendidos na vida.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante às considerações traçadas, entendemos que ambas as paideias estão em concordância, em busca de um progresso educacional que tem gerado até hoje a necessidade de uma educação humanizadora que permita aos sujeitos sua dignidade e emancipação não tão somente política e de caráter moral, mas também divino. Tudo isso formando o homem para desfrutar das oportunidades de construir uma sociedade que ampare e nutra suas necessidades em desenvolver-se enquanto um ser social e divino.

Neste interim, enxergamos que a educação foi e possivelmente sempre será a força motriz capaz de constituir o homem de poderes quando este tem acesso a ela e de fragilidades quando lhes é negada.

Por isso ao analisar as concepções pedagógicas de Clemente de Alexandria, percebemos claramente que este autor nos revela o quanto é essencial que educação e religião caminhem juntas em vista de gerar força e bem viver num processo de conquista da formação plena de um homem capaz de reconhecer sua ética e sua natureza em busca de um bem comum que transita entre o terreno e o transcendente.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI. **Os padres da Igreja**: de Clemente Romano a Santo Agostinho. São Paulo: Paulus, 2012. 228 p.

BORTOLINI, Rosane Wanderscheer; NUNES, César. A Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego. **Filos.E Educ**, Campinas, Sp, v. 10, n. 1, p. 21-36, jan. 2018.

CAMPOS, S. L. de B. **Clemente de Alexandria: o verbo como pedagogo**. Disponível em: [http://filosofante.org/filosofante/not\\_arquivos/pdf/Clemente\\_Alexandria\\_Verbo\\_Pedagog.o.pdf](http://filosofante.org/filosofante/not_arquivos/pdf/Clemente_Alexandria_Verbo_Pedagog.o.pdf). Acesso em: 31/03/2021.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. **O Pedagogo**. Trad: Iara Faria e José Eduardo Câmara de Barros Carneiro. Campinas/SP: Ecclesiae, 2014.

DAMASCENO, Max Bruno. **A teologia de Santo Agostinho sob um novo olhar pedagógico**: fundamentos filosóficos e princípios cristãos para a formação humana. 2020. 82 f. Monografia (Graduação) - Curso de Teologia, Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, Mossoró/RN, 2020.

FREITAS, Charles Lamartine de Sousa. A influência da concepção de educação grega na constituição histórica da paideia cristã. **Filosofia e Educação**, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 287-309, 15 out. 2018. Universidade Estadual de Campinas.

GROSS, R. FÉ CRISTÃ, CONHECIMENTO E EDUCAÇÃO: PAIDÉIA AO ALCANCE DE TODOS. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Set./Dez. 2006, p.141-156.

JAEGER, Werner. **Cristianismo Primitivo e Paideia Grega**. Santo André/SP: Academia Cristã, 2014. 128 p.

NUNES, R. A. da C. **História da Educação na Antiguidade Cristã**. 2. ed. Campinas, SP: CEDET, 2018. 307 p.